



CENTRO UNIVERSITÁRIO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS UNIPAC
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE BARBACENA – FASAB
GRADUAÇÃO EM FISIOTERAPIA

DANÚBIA DE FARIA FONSECA
ISABELA LEME MARTINS
PAULA CRISTINA FLISCH

**FISIOTERAPIA NA SAÚDE DA MULHER: AUTOCONHECIMENTO E
ACESSO À INFORMAÇÃO PARA MELHORIA DA SEXUALIDADE DE
MULHERES JOVENS.**

BARBACENA/MG

2021

**DANÚBIA DE FARIA FONSECA
ISABELA LEME MARTINS
PAULA CRISTINA FLISCH**

**FISIOTERAPIA NA SAÚDE DA MULHER: AUTOCONHECIMENTO E
ACESSO À INFORMAÇÃO PARA MELHORIA DA SEXUALIDADE DE
MULHERES JOVENS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Fisioterapia da Faculdade de Ciências da Saúde de Barbacena, do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Fisioterapia.

Aprovado em 06/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Ana Maria Barbosa Damasceno

Prof.(a) Dra. Ana Maria Barbosa Damasceno (orientadora)
Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ

Priscylla Lilliam Knopp Riani

Prof. (a) Dra. Priscylla Lilliam Knopp Riani
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Tamara Karina da Silva

Prof.(a) Esp. Tamara Karina da Silva
Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

BARBACENA/MG

2021

AGRADECIMENTOS

Esta pode ser considerada a pior parte do trabalho para escrever, talvez porque a vida não se coloca em análise de regressão e não é pelo valor que descobrimos a significância das pessoas na nossa trajetória. Todas as palavras descritas aqui não serão suficientes para demonstrar a importância das pessoas que estiveram ao nosso lado.

Primeiro de tudo, gostaríamos de agradecer a Deus e Maria por nos guiar, iluminar e nos dar tranquilidade para seguir em frente com os objetivos e não desanimar com as dificuldades, que não foram poucas.

Agradecemos nossos pais e familiares que sempre nos motivaram, entenderam nossas faltas e momentos de reclusão, e apesar de enxergarem nossas dificuldades e muitas vezes chorarem conosco, nunca deixaram de demonstrar o quanto são orgulhosos pela nossa dedicação ao futuro que está por vir.

Agradecemos aos nossos companheiros de vida, que compartilham conosco todos os sentimentos bons ou ruins. Aqueles que escolhemos para passar muitos outros momentos de felicidade, assim como este. Sempre incentivam a crescer e cada um com seu jeitinho auxiliaram nas etapas deste processo, torcendo incansavelmente por nosso sucesso.

Agradecemos a nossa querida professora orientadora doutora Ana Maria. Resumi-la a nossa orientadora é muito pouco, e temos certeza de que ela sente a importância que teve e tem para nós, não só na condução do trabalho, mas também como conselheira e até nas horas em que parecia que nada estava dando certo, ela se fez presente, nos tranquilizando e nos orientando em cada dificuldade da vida em que estávamos passando. Ser de luz.

Assim como nossa Ana Maria, agradecemos a professora doutora Priscylla Knopp, que tanto nos auxiliou com seu conhecimento e carinho desde a escolha do tema até a conclusão. Agradecemos também a professora doutora Lídia Moreira, que com toda paciência e boa vontade corrigiu mais de

uma vez o trabalho para que pudesse ser apresentado da melhor forma. Vocês fazem parte da nossa formação como seres humanos e não somente como profissionais. Somos gratas.

Por fim, não menos importante, agradecemos aos nossos amigos que estiveram conosco mesmo que de longe, torcendo e colocando nosso crescimento em orações. Agradecemos as que puderam participar dessa pesquisa e pelas palavras positivas sobre importância dela na vida de muitas mulheres. Queremos dizer que também estamos aqui torcendo e orando por vocês.

RESUMO

Fisioterapia na saúde da mulher: autoconhecimento e acesso à informação para melhoria da sexualidade de mulheres jovens.

Danúbia de Faria Fonseca, Isabela Leme Martins, Paula Cristina Flisch¹

Ana Maria Barbosa Damasceno²

Pesquisa temática de abordagem qualitativa, com participação de 35 mulheres com idades entre 20 e 35 anos. O presente estudo se refere ao desenvolvimento do conhecimento científico na área de estudos da Fisioterapia na Saúde da Mulher e busca trazer a compreensão da importância das redes sociais na disseminação do conhecimento sobre autoconhecimento e da sexualidade entre as mulheres jovens. Para coleta de dados, optou-se por entrevista semiestruturada, uma vez que essa modalidade de entrevista permite que o entrevistado tenha maior liberdade e espontaneidade. Os dados foram analisados por meio da redução gradual do texto qualitativo, seguindo os seguintes passos: 1) transcrição das entrevistas; 2) unitarização dos textos; 3) sistema de categorização; 4) interpretação de dados. Conclui-se que as redes sociais ainda não são base de conhecimento para grande parte das mulheres, mas a internet em si é. No entanto, os profissionais de saúde atuando nas redes sociais e sites estão fazendo um trabalho educacional de grande interesse social, visto que não existem políticas públicas para melhoria desse quadro.

Palavras-chave: fisioterapia; saúde da mulher; sexualidade; rede social.

¹ Graduandas do 9º período de Fisioterapia – Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC.

² Orientadora

ABSTRACT

Physiotherapy in women's health: self-knowledge and access to information to improve sexuality of young women.

Danúbia de Faria Fonseca, Isabela Leme Martins, Paula Cristina Flisch³
Ana Maria Barbosa Damasceno⁴

Thematic research of qualitative approach, with participation of 35 women aged between 20 and 35 years. This study refers to the development of scientific knowledge in the study area of Physiotherapy in Women's Health and seeks to understand the importance of social networks in the dissemination of knowledge about self-knowledge and sexuality among young women. For data collection, a semi-structured interview was chosen, since this type of interview allows the interviewee greater freedom and spontaneity. The data were analyzed through a gradual reduction of the qualitative text, following the following steps: 1) transcription of the interviews; 2) unitarization of the texts; 3) categorization system; 4) data interpretation. It is concluded that social networks are not yet a knowledge base for most women, but the internet itself is. However, health professionals working in social networks and websites are doing educational work of great social interest, since there are no public policies to improve this picture.

Key-words: physiotherapy; women's health; sexuality; social network.

³ Graduandas do 9º período de Fisioterapia – Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC.

⁴ Orientadora

“Somos recompensadas com saúde, energia e resposta sexual orgástica em igual proporção à nossa consciência vaginal. Entender esse processo, avaliar o grau de consciência, aumentar seu conhecimento, é parte de um plano de vida melhor, sadio e prazeroso.”

Regina Racco

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. OBJETIVOS.....	10
2.1. Objetivo Geral	10
2.2. Objetivo Específico	10
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	10
3.1. Definição de Sexualidade.....	10
3.2. Mídias sociais como potencializadora para a profissão da fisioterapia pélvica e para a busca de informações sobre sexualidade e autoconhecimento de mulheres jovens.....	12
4. MATERIAIS E MÉTODOS	13
4.1 Campo de pesquisa e coleta de dados	14
4.2 Coleta de dados	15
4.3. Aspectos éticos	16
5. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO.....	16
5.1. Percepção das mulheres que atuam e não atuam na área da saúde sobre a sexualidade.....	17
5.2. Percepção das mulheres sobre a busca de informações relacionadas ao autoconhecimento e sexualidade junto à família.....	18
5.3. Percepção de mulheres que usam as redes sociais para pesquisar sobre sexualidade.....	20
5.4. Percepção da melhoria da saúde feminina das mulheres após receber informações sobre sexualidade através das redes sociais.....	24
5.5. Percepção das mulheres jovens frente aos profissionais da área da saúde da mulher	26
5.6. Conhecimentos das mulheres jovens acerca da fisioterapia saúde da mulher	27
6. CONCLUSÃO	28
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
APÊNDICES	33
APÊNDICE A-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	33
APÊNDICE B-QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA	36

1. INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, a sexualidade feminina foi moldada por padrões morais, éticos e comportamentais dentro do contexto cultural, social e familiar e entendida como inexistente. Nesse tempo, grande parte das mulheres nem se dava conta do quanto isso as afetava^{1,2}.

Desde criança, a mulher é ensinada a ter bons modos e controle da sua vontade. Até o final do século XIX, elas eram vistas somente como reprodutoras, pois as tornavam aptas para o matrimônio. Tinham seus desejos domados sempre por um homem, sendo primeiro pelo pai e depois pelo marido².

Além disso, havia – e ainda há – o contexto religioso, o qual apregoava que as mulheres deveriam ter seus desejos abafados e reprimidos desde muito cedo. No entanto, as dúvidas sobre sexo geravam constrangimento, pois se ela desejasse algo a mais, lhe vinha, de forma consciente ou inconsciente, o sentimento de erro e culpa por coisas que deveriam ser completamente normais^{1,2}.

Após as duas grandes guerras, as mulheres começaram a ganhar autonomia e, a partir disso, o tema sexualidade foi sendo mais questionado entre elas. Neste período as mulheres começaram a conquistar sua independência, o que gerou convívio e troca de experiências³, além da introdução da pílula anticoncepcional em 1960, a qual separou o sexo produtivo do sexo prazeroso⁴.

Naqueles tempos, as informações que as mulheres tinham eram por trocas de experiências, sem contar com a ajuda de especialistas ou familiares^{1,2}. Atualmente essa temática tem conquistado bastante espaço no mundo feminino e vem se apresentando como algo que deve ser exposto e dialogado, principalmente através das mídias sociais^{5,6}.

Frente a isso, tem-se visto muitos profissionais da saúde, dentre eles, os fisioterapeutas, que estão utilizando as redes sociais para promover a saúde sexual dessas mulheres e dar acesso a informações sobre autoconhecimento⁶.

Dessa forma, este estudo propôs a seguinte questão norteadora: por que ou quais as motivações levam as mulheres jovens a buscarem informações sobre sexualidade e autoconhecimento através das redes sociais?

Este estudo assumiu a hipótese de que está havendo um aumento na procura de informações por mulheres jovens sobre o próprio corpo utilizando das redes sociais devido à falta de diálogo entre mulheres da família ou profissionais estudiosos nessa área de saúde. Essa redução de informações pode afetar a sexualidade e, conseqüentemente, piorar a qualidade de vida dessas mulheres.

Considerando que, quando a mídia veicula informações ao público feminino, exista uma conexão entre as redes sociais e sua influência no comportamento das mulheres em relação à sexualidade, o objetivo desse projeto visa a compreender quais motivos levam à busca de informações por mulheres jovens sobre sexualidade e autoconhecimento através das redes sociais.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Compreender quais motivos levam as mulheres jovens a buscarem por informações sobre sexualidade e autoconhecimento através das redes sociais.

2.2. Objetivo Específico

- Analisar as possíveis colaborações das ferramentas digitais em fornecer informações sobre sexualidade de mulheres jovens.
- Identificar em que a falta de informações sobre sexualidade e autoconhecimento atrapalha na vida das mulheres jovens.
- Identificar a percepção sobre autoconhecimento e sexualidade das mulheres, atentando para os aspectos éticos, tradições, costumes, sentimentos e relações sociais, verbalizados por elas próprias.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. Definição de Sexualidade

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade é “uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”⁸.

Ao falar de sexualidade, muitas pessoas acreditam estar falando de sexo. Mas, é importante salientar e entender que sexo é uma definição dos órgãos genitais, masculino ou feminino, e pode ser compreendido como uma relação sexual. Já o conceito de sexualidade refere-se a tudo aquilo que as pessoas são capazes de sentir e expressar, ou seja, é percebida e expressa por pensamentos, fantasias, intimidade, comportamentos, desejos, valores e relacionamentos^{7,8}.

Segundo Silva (2015), a sexualidade é uma condição que envolve toda a vida de uma pessoa, e começa na infância, forma-se na adolescência e opera de maneiras diferentes em vários estágios da idade adulta⁸. Atualmente, a vida sexual passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, não se limitando aos conceitos sexuais, pois o prazer humano nada tem a ver com a reprodução, e aspectos orgânicos também podem ser inferidos e relacionados a fatores psicossociais biológicos⁷.

De acordo com a monografia de Silva (2015), as diversas formas, jeitos, maneiras pelas quais as pessoas buscam expressar ou obter prazer são consideradas como sexualidade, e quando a pessoa sente prazer, de certa forma, ela está vivenciando-a⁸.

A sexualidade feminina é mais complexa que a masculina, já que possui suas características próprias, que a tornam diferente. No caso das mulheres, possuem emoções e necessidades básicas que precisam ser apreciadas e satisfeitas. E isso se deve ao aspecto fisiológico, que proporciona à mulher uma capacidade maior de experimentar e sentir seu próprio corpo, como a sensação antes da menstruação, sangramento menstrual, aumento das mamas, alterações hormonais e psicológicas relacionadas com a fase do ciclo. Todos esses fatores levam a mulher a estabelecer uma relação íntima com seu corpo e ter uma boa consciência corporal⁸.

3.2. Mídias sociais como potencializadora para a profissão da fisioterapia pélvica e para a busca de informações sobre sexualidade e autoconhecimento de mulheres jovens.

A partir de 1980, a concepção simplista da saúde como negação da doença foi superada por uma visão mais complexa, na qual a saúde passou a ser definida a partir de uma série de determinantes sociais, culturais, afetivos, econômicos, dentre outros. A mídia social relacionada à saúde se tornou possível a partir do momento em que a saúde passou a ser compreendida enquanto fenômeno social, produto de interações humanas⁹.

Atualmente centenas de satélites transmitem informações que permitem a comunicação instantânea em todo o mundo, permitindo, assim, a possibilidade de as mulheres falarem sobre sexualidade além do clandestino, fazendo-as compreender mais profundamente sobre o corpo feminino, os discursos relacionados a ele e permite desvelar as diferenças naturalizadas e pouco questionadas^{7, 12}.

A autora Viegas (2019) realizou um estudo, do perfil de Instagram nomeado “Vagina Sem Neura”, monitorado pela fisioterapeuta pélvica Ana Gehring, a qual foi entrevistada. Neste artigo, chamado “Discurso sobre sexualidade feminina em mídias digitais: o caso Vagina Sem Neura” foi constatada uma grande procura das mulheres (91%) em seu perfil, o qual fala sobre ciclos femininos, prazer e sexualidade⁶. Durante a entrevista do artigo, a fisioterapeuta diz:

“Hoje em dia, na verdade, as minhas seguidoras me consideram mais uma ginecologista do que uma fisioterapeuta. Então até criou uma certa relevância para o papel do fisioterapeuta pélvico na saúde da mulher. Até então era uma profissão bem desconhecida, ninguém sabia que existia essa especialização na área genital e hoje em dia estou vendo que muitas fisioterapeutas se inspiram no meu trabalho e isso com certeza está aumentando a relevância da minha profissão”

Cita ainda que “as mulheres, no geral, apresentam um grande desconhecimento em relação a sua sexualidade e a sua vagina”⁶. Ou seja, além de ajudar as mulheres na aceitação de seus corpos, desejos e na promoção da saúde sexual feminina, as mídias sociais têm auxiliado na valorização dos fisioterapeutas pélvicos.

Como a sociedade contemporânea exige respostas rápidas para a promoção de ações, as redes sociais surgem como elemento potencializador de tais processos por permitir o envolvimento e a participação ativa da população⁷. Dentre esses processos, está à procura de informações para autoconhecimento e sexualidade feminina entre as mulheres jovens devido a possível falta de trocas de experiências no passado entre familiares e/ou profissionais da saúde⁸.

Portanto, a mídia tem atraído muitas pessoas, com alto grau de alcance em curto espaço de tempo e, por isso, tem se posicionado como importante objeto de investigação em diversas áreas⁵, dentre elas a área da saúde da mulher⁶.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

Tendo em vista alcançar o objetivo desse projeto, optou-se por um estudo de abordagem qualitativa, o que de acordo com Minayo, a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, se preocupando com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis¹³.

A investigação qualitativa se concentra tipicamente na profundidade das amostras relativamente pequenas. A lógica e o poder da amostra são definidos por selecionar casos ricos em informações para o estudo que são aqueles dos quais se podem aprender muito sobre assuntos de importância central para fins de pesquisa. Estes casos produzem discernimento e compreensão em vez de generalizações empíricas.

Sob essa égide, inicialmente foram realizados estudos sobre a abordagem teórica e possibilidades para a efetivação da pesquisa de campo, a partir das

bases de dados PubMed, Scielo, BVs e Pepsic, tendo como descritores: sexualidade, fisioterapia, saúde da mulher e rede social.

4.1 Campo de pesquisa e coleta de dados

A pesquisa foi realizada no município de Barbacena, Minas Gerais, e participaram um número 35 mulheres com idades entre vinte e trinta e cinco anos. Foram excluídas mulheres com idade abaixo de 20 anos ou acima de 35 anos, mulheres que não possuem acesso às mídias digitais e aquelas que não aceitarem participar da pesquisa de forma livre mediante leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice A).

O processo de recrutamento e seleção das participantes da pesquisa foi iniciado através da publicação nas redes sociais do convite de participação do estudo. As participantes que aceitaram participar serviram também como ponte para convidar novas participantes, desde que atendessem os critérios de inclusão e exclusão do estudo.

A primeira abordagem às mulheres foi para informar sobre a pesquisa e, após o aceite de participação, foi realizada a apresentação dos pesquisadores. Após a explicação da pesquisa e assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) pelas mulheres, elas foram entrevistadas em um local reservado, de escolha da participante, preservando, assim, o anonimato e a privacidade.

O benefício desse estudo se refere ao desenvolvimento do conhecimento científico na área de estudos da Fisioterapia na Saúde da Mulher, além de trazer a compreensão da importância das redes sociais na disseminação do conhecimento sobre autoconhecimento e da sexualidade entre as mulheres jovens. O possível risco relacionado à execução desta pesquisa será o fato de as mulheres, no momento da entrevista, se sentirem constrangidas em relatar alguma informação.

Para coleta de dados, optou-se por entrevista semiestruturada (apêndice B), uma vez que essa modalidade de entrevista permite que o entrevistado tenha maior liberdade e espontaneidade, o que é necessário para o enriquecimento da investigação. Para a realização das entrevistas foi

elaborado um roteiro, tendo em vista os objetivos da pesquisa, o qual foi construído a partir de revisão da literatura e teve como base a autora Duarte (2004)¹⁴.

De acordo com Duarte (2004), a entrevista em profundidade é:

“{...} um recurso metodológico que busca com bases em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.”

4.2. Coleta de dados

As questões do questionário (apêndice B) foram previamente elaboradas para conseguir os objetivos propostos com base nas teorias e hipóteses que interessam a pesquisa. Após a utilização do instrumento escolhido para a coleta de dados, iniciou-se a análise da amostra através da transcrição dos relatórios verbais obtidos a partir das entrevistas com as mulheres.

As observações tiveram como alvo identificar a percepção sobre autoconhecimento e sexualidade das mulheres entrevistadas, levando em consideração a realidade social que circunda a entrevistada, tentando compreender os "conflitos e tensões" existentes, atentando para os aspectos éticos, tradições, costumes, sentimentos e relações sociais, verbalizados por elas próprias.

Para analisar os dados coletados nas entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo na modalidade temática de acordo com as orientações de BARDIN (2011)¹⁵. Os dados foram analisados por meio da análise temática, com a redução gradual do texto qualitativo, seguindo os seguintes passos: 1) Transcrição das entrevistas; 2) Unitarização dos textos, com a redução do texto em paráfrases; 3) Sistema de categorização; 4) Interpretação dos dados.

Igualmente, duas fases sucessivas ou imbricadas de análise, a decifração estrutural, centrada em cada entrevista e a transversalidade temática, focada no conjunto das entrevistas, ou seja, nas repetições temáticas. Esse processo permitiu destacar as unidades temáticas, e, na sequência, analisá-las de acordo com os objetivos propostos¹⁵.

4.3. Aspectos éticos

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), atendendo os direitos e as normas de pesquisa envolvendo seres humanos, da resolução 466/2012 (BRASIL, 2012). As entrevistas só foram iniciadas após a autorização do referido Comitê.

Esse projeto respeitou a participante em sua autonomia e dignidade, considerando sua vulnerabilidade e vontade de persistir ou não no projeto, respeitando os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes.

O termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice A) possui todas as informações necessárias para respaldo das participantes, de forma clara e acessível, inclusive sobre a confidencialidade dos dados coletados, do respeito e sigilo da privacidade.

Na execução das entrevistas, as participantes foram informadas sobre a gravação do áudio, a situação de observação, a ciência dos riscos e benefícios da pesquisa, conforme disposto nos aspectos éticos de pesquisas com seres humanos, estipulados pela Resolução 466/2012 assim como assinatura do TCLE pelas mesmas.

5. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO

Dentre as mulheres entrevistadas muitas atuam na área de saúde, sendo necessária a análise do tópico 5.1, o qual anteriormente não estava na hipótese. Para responder ao problema e objetivos dessa pesquisa, os dados coletados foram analisados através de categorias sendo elas: a percepção das mulheres que atuam e não atuam na área da saúde sobre a sexualidade, a percepção das mulheres sobre a busca de informações relacionadas ao autoconhecimento e sexualidade junto a família, a percepção de mulheres que usam as redes sociais para pesquisar sobre sexualidade, a percepção da melhoria da saúde feminina das mulheres após receber informações sobre sexualidade através das redes sociais, a percepção das mulheres jovens frente aos profissionais da área da saúde da mulher e os conhecimentos das

mulheres jovens acerca da fisioterapia saúde da mulher.

5.1. Percepção das mulheres que atuam e não atuam na área da saúde sobre a sexualidade.

A hipótese inicial para analisar este tópico foi: mulheres que desenvolveram maior conhecimento sobre o corpo humano através de uma formação profissional, também teriam maior facilidade em desenvolver a sexualidade e o ser mulher?

No entanto, a análise das entrevistas mostrou que estar ou não dentro do campo de saúde não altera a percepção de conhecimento sobre sexualidade, pois é algo subjetivo e depende das experiências de cada indivíduo para conhecer as necessidades de seu corpo, ou seja, há mulheres que atuam na área da saúde que ainda não se conhecem totalmente ou não se conhecem e mulheres que não atuam na área da saúde que se conhecem totalmente.

O tema sexualidade faz parte de uma das prioridades das políticas públicas de atendimento à mulher. No entanto, atualmente a abordagem centra-se no diagnóstico e tratamento de problemas de saúde e não abrange toda a complexidade que o tema exige¹⁶, ou seja, mesmo que as mulheres da área da saúde entendam que existe essa complexidade, não levam para si esse conhecimento.

Também não houve diferença na forma como essas mulheres buscam conhecimento, seja pelas redes sociais, trocas de experiências, com a família ou profissional de saúde. A maioria das entrevistadas ainda acredita que a melhor fonte de informações é através do especialista, porém há pouca ou nenhuma visita a esses profissionais.

“{...} com a ginecologista nunca conversei sobre este assunto, por que também pouco vou em consulta com especialista, quando vou é porque tem algum problema e também para ter este tipo de conversa com a ginecologista você tem que ter abertura, tem que gostar do profissional para ter uma troca.” (B8)

Além disso, foi observado que as mulheres, tanto profissionais de saúde quanto não profissionais de saúde, não se preocupam totalmente com a confiabilidade dos sites ou redes sociais dos quais passam informações sobre autoconhecimento e sexualidade e que elas também buscam conhecimentos através da troca de experiência e com a família, apesar de haver menos frequência de relatos sobre este último.

5.2. Percepção das mulheres sobre a busca de informações relacionadas ao autoconhecimento e sexualidade junto à família.

Os estigmas existentes acerca da sexualidade criam barreiras para que as pessoas conversem sobre tal assunto, isso se agrava com as mulheres que se sentem acanhadas e têm medo de serem julgadas e mal vistas caso falem abertamente sobre sua sexualidade, afinal, a forma de agir da mulher foi culturalmente construído ao longo dos anos. O conservadorismo prega que mulheres não devem falar sobre isso para que não pareçam vulgar, porém percebe-se como tal pensamento é extremamente misógino, pois os homens há muito tempo conversam sobre sexualidade sem serem mal vistos.¹⁸

É muito comum ouvirmos o argumento como o usado pela entrevistada em seu depoimento descrito abaixo, em que as famílias costumam não abrir a possibilidade para que elas conversem sobre a temática.

“Me sinto mais à vontade procurando nas redes sociais, pois, não tenho abertura de falar sobre esse assunto em casa, então, quando surgem dúvidas procuro no Instagram, mas também em consultas com a minha ginecologista, como estou com ela desde os quatorze anos, minha primeira ginecologista, então me sinto bem à vontade com ela.” (B1)

Através da análise de dados percebeu-se que há falta de espaço para que as mulheres possam conversar sobre sua sexualidade, principalmente em casa, onde nota-se dificuldade de comunicação acerca desse tema.

“Porque em casa não posso conversar sobre este assunto, minha mãe é muito das antigas, foi criada

por namoros que eram apenas “mãozinhas dadas” {...}. Por isso não tenho liberdade para falar a respeito disso com ela. A única coisa que falamos relacionado a este tema foi quando ela me perguntou se eu ainda era virgem. Quando respondi que não, pediu pra que eu me prevenisse, mas não quis entrar no assunto.” (B1)

O autoconhecimento é um processo construído a cada dia, porém elas devem buscar por este conhecimento para vivê-lo em sua totalidade e durante as entrevistas foram observados que as mulheres que mais precisam pesquisar são principalmente aquelas que não tiveram educação sexual na infância e adolescência por questões emocionais, culturais ou religiosas.

Por esse motivo, percebeu-se durante as entrevistas que, as mulheres somente despertaram a curiosidade sobre o assunto após a prática do ato sexual com parceiro(a) e/ou por pessoas não preparadas para falar sobre o assunto de forma correta, como por exemplo, através de amigos, indústria pornográfica ou primeiro parceiro sexual, sendo que o primeiro e o último tiveram grande frequência de relatos na questão 4 do questionário (APÊNDICE A).

“Eu acho que esse assunto deveria ser colocado de maneira mais aberta, também é claro de uma maneira mais suave, mas também nas escolas, por que eu acho isso muito importante, o autoconhecimento também relacionado ao prazer feminino. Acho que a mulher deveria ter com ela mesmo esse interesse, essa vontade, se for pegar pra ver, vamos ver que oitenta e cinco por cento das mulheres não se conhecem. A gente nunca sabe tudo, busco todo dia uma coisa nova e de acordo com que relacionamos com pessoas, ouvindo algumas coisas, também pelas redes sociais vamos descobrindo cada dia uma coisa nova, mas resumindo acho que me conheço bastante, não o suficiente e talvez nunca vá chegar a cem por cento dos conhecimentos, mas vou agregando de uma maneira que seja bom pra mim.” (B3)

“Percebi que precisava me conhecer mais quando tive minha primeira relação sexual, foi horrível, pois tanto eu como o parceiro não sabia nada, então a partir daí procurei sobre o assunto nas redes sociais e também em troca de experiência com amigos.” (B1)

“Percebi que era necessário me conhecer ainda na adolescência. Na escola a gente sempre estava comentando alguma coisa, contando uma para outra sobre mudanças do corpo.” (B4)

O conservadorismo torna a sociedade e as instituições civilizadas um lugar difícil para as mulheres conversarem sobre sua sexualidade com seus familiares. Este é algum tipo de marcação automática de inconsciência ou desequilíbrio social. O diálogo entre pais e filhos se torna um abismo, no entanto, quando se trata de questões de gênero, essa abertura nem sempre se reflete. Curiosamente, mesmo para pais esclarecidos e bem-informados, é difícil resolver ou esclarecer dúvidas sobre esse assunto¹⁸.

“{...} A minha mãe sempre foi bem aberta. Tudo que eu quiser contar pra ela, de qualquer assunto, sempre foi bem aberta. Mas não sei se é por causa da forma como a gente foi criada, de não ter liberdade. Não porque ela não me dá isso, mas é por respeito mesmo. Porque isso sempre foi um tabu. Essa parte da mulher se conhecer, ser empoderada e saber o que ela quer e o que não quer, o que ela pode fazer e o que não pode.” (A7).

Especialistas acreditam que, por diversos fatores, vencer essas resistências é uma ação básica e necessária para educar e informar sobre esse assunto a fim de que elas não sejam vítimas de problemas em sua saúde sexual e até psicológica por falta de informação¹⁸.

5.3. Percepção de mulheres que usam as redes sociais para pesquisar sobre sexualidade.

Atualmente encontram-se diversas páginas nas redes sociais sobre sexualidade e autoconhecimento, as quais ajudam mulheres a descobrirem o feminino⁸. Porém, após analisar as entrevistas, é notório que a maioria delas ainda não sabe onde procurar e o que procurar, além disso, muitas ainda não têm conhecimento suficiente sobre seu próprio corpo, ou ainda esbarram na barreira do tabu e na vergonha de fazerem algo que antes se via como pecaminoso, justamente pela ausência de informações, como relatado nas entrevistas:

“Ah não sei, eu sei que não me conheço. Acho que a gente já vem de uma cultura que somos reprimidas nesse ponto. Acho que eu tenho vergonha ou acho que seja por falta de informações.” (A4)

“Antes o que me impedia de me conhecer melhor era a falta de conhecimento mesmo, porque ninguém nunca me ensinou e todos com quem eu convivia diziam ser errado {...}” (A3)

“{...} Então, o que eu conheci foi depois que eu entrei nas redes sociais, que a gente vê muitas coisas falando sobre isso na internet, né? Vídeos no youtube, no instagram e também tem alguns IG’s que falam disso {...}” (C1)

Quando as mulheres não possuem conhecimento sobre seu próprio corpo, correm o risco de acreditar em padrões pré-definidos pela mídia, muitas vezes, até referências encontradas na pornografia, que são um padrão fora da realidade. E foi observado que com mais informações sendo divulgada nas redes sociais, isso tem mudado.

“Hoje é muito produtivo esses conhecimentos que chegam pra nós, porque a sociedade sempre teve acesso à pornografia, mas estava faltando a sociedade ter acesso às informações reais, ao que é normal. Foi muito necessária e feliz a abordagem em rede social. Até mesmo em questão de aparência, da mulher se aceitar na hora do sexo.” (A1)

Segundo Racco (2019), as mulheres têm uma região pélvica “valiosa” e orgástica. “Mas, como toda riqueza, esse tesouro tem de ser descoberto porque só está disponível para quem conhece seu próprio corpo”²⁰.

Houve grande frequência de relatos nas entrevistas mostrando o quanto a abordagem sobre sexualidade nas redes sociais foi benéfica durante os ciclos de autoconhecimento, não somente para saúde sexual, como também para saúde física e emocional.

“Somos recompensadas com saúde, energia e resposta sexual orgástica em igual proporção à nossa consciência vaginal. Entender esse processo, avaliar o grau de consciência, aumentar seu conhecimento, é parte de um plano de vida melhor, sadio e prazeroso. (RACCO, 2019, pg. 23)²⁰.

“Eu acredito que o autoconhecimento funciona também como prevenção, se você se conhece qualquer coisa que estiver fora do normal, como nódulo na mama, corrimento, se você se conhece vai saber que precisa de ser avaliado.” (B3)

Foi observado também que, durante a pesquisa, apesar da maioria das mulheres não saberem onde e o que procurar, e que as informações postadas nas redes sociais muitas vezes são superficiais, elas ainda conseguiram alcançar melhorias pessoais e enxergam como um estopim para novas pesquisas e novos aprendizados. A questão 9 (APÊNDICE A) foi diretamente relacionada a mudança no estilo de vida após as pesquisas nas redes sociais. A partir dela, tivemos os seguintes relatos:

“Acho que muda sim. Se você tiver interesse de absorver aquilo que está vendo. Eu quando procuro algo é porque quero saber, se achei interessante eu quero testar ou se achei anormal eu quero investigar. O tema abordado relacionado com a rede social é um tema muito importante, pois hoje em dia acaba sendo o meio mais fácil que as mulheres têm de acesso a essas informações, por isso tem que ser informações seguras {...}” (B3)

“Mudou a minha forma de pensar, sobre o corpo da mulher né? Porque tem muito tabu, sobre se tocar, sobre higienização, sobre o que você pode ou não pode usar e acaba que você muda com isso, muda sua saúde.” (C5)

Outro ponto de vista importante foi das mulheres que demonstraram a não importância das redes na mudança do estilo de vida subjetivo. Porém, apesar da não percepção dessas mulheres, o uso das redes sociais ainda sim foi importante para apresentá-las a determinados assuntos que anteriormente era desconhecido.

“não, porque por mais que eu pesquise, tem coisa que eu não consigo compreender, então eu preciso perguntar meu médico... “há eu vi isso em tal lugar e o que você acha”, entendeu? Tirar uma segunda opinião de quem entende mais que eu que só estou lendo ali. eu acho que sim, porque desperta conhecimento.” (C7)

Abordar essa temática nas mídias sociais auxilia muito as mulheres, pois é totalmente notório que o anonimato estimula as pessoas a expressarem o verdadeiro eu. Dessa forma tem-se que por trás de uma rede social o processo de conversação e expressão de sentimentos acerca de assuntos difíceis ou que sejam taxados culturalmente como errados são abordados com mais facilidade.

As redes sociais fornecem todo tipo de informação, por se tratar de uma das atividades cotidianas mais comuns da grande maioria, algumas pessoas acham mais fácil divulgar informações sobre diversos assuntos ou até sobre si mesmas online, pois não requer o contato direto, principalmente após conquistar a confiança na pessoa que dirige aquela rede social ou site²¹.

“Tem pessoas que não conseguem realmente falar ou usam isso pelo anonimato, pois para você fazer uma pergunta na internet você não precisa exatamente especificar quem é você e tem pessoas que tem dúvidas {...}. A cabeça das mulheres precisa mudar pra que tenham confiança de buscar essa

5.4. Percepção da melhoria da saúde feminina das mulheres após receber informações sobre sexualidade através das redes sociais.

Há vários séculos as organizações buscam estimular o excesso de consumo para maximizar vendas e lucros²². Para manter o poder de influência sobre as pessoas se fez necessário enxergar não somente as necessidades das empresas de atingir suas metas financeiras, mas principalmente foi preciso corresponder os desejos e prioridades dos consumidores, gerando assim uma relação ganha-ganha, onde os clientes obtêm satisfação e as organizações cada vez mais lucro²². Depois que a saúde se tornou um negócio lucrativo e passou a ser vista como comércio, o marketing dos profissionais de saúde também não ficaram para trás nos tempos atuais²².

O Instagram se tornou uma grande ferramenta por favorecer o marketing pessoal para os profissionais da área da saúde, servindo também como moeda de troca para os clientes/pacientes, afinal essa rede social se popularizou por apresentar conteúdos a seus usuários, além de criar uma forma de aproximação e ganho de confiança do profissional de saúde/criador de conteúdos aos clientes/pacientes, deixando-os mais à vontade no momento dos atendimentos²².

Percebeu-se grande influência do Instagram, juntamente ao youtube entre as entrevistadas, visto que foram as redes sociais mais citadas. Justificam-se tais fatos na forma como as temáticas são apresentadas ao público-alvo. Como as mulheres culturalmente tem pouco conhecimento sobre si e durante seu amadurecimento não lhes é apresentado como de fato elas devem decifrar seu próprio corpo, as redes sociais trouxeram um leque de assuntos “novos” para este campo de conhecimentos sendo que no campo da saúde é um assunto discutido há mais tempo. Neste sentido, verifica-se que as mulheres não sabem por onde começar a aprender.

Foi observada uma grande frequência de mulheres que somente deram início ao trabalho de autoconhecimento após algum episódio específico onde

houve a necessidade do toque ou de maior atenção em áreas consideradas erógenas, como com o aparecimento de uma patologia ou início da vida sexual. De toda forma o assunto sexualidade e/ou autoconhecimento na maioria das vezes lhes é apresentado e poucas vezes é, de fato, descoberto por elas.

“Acho que às vezes a gente se prende a quando começa um relacionamento e tem o ato, porque te desperta esse lado mais sensual, de querer se agradar ou agradar o outro. Mas buscar nas redes sociais foram poucas vezes, eu fui mais apresentada. Tem um grupo no facebook, chama Grupo da Gina e lá é bem aberto mesmo e é voltado para o mundo feminino, então quando eu entrei lá, passei a conhecer algumas coisas que se fosse pra eu pesquisar eu nem sabia que existia.”(A7)

“Nas minhas primeiras relações eu era completamente desprovida de informação, sobre meu corpo, sobre tudo. Eu fui na minha primeira ginecologista com 18 anos e na minha primeira relação eu tinha 16, então eu fiquei esse tempo todo sem entender o cuidado com meu corpo. Eu acho que começar a ter mais cuidado foi com uns 19/20 anos, porque teve um episódio que eu tive HPV e eu nem sabia que existia, fiquei morrendo de medo, mas fiz o tratamento e tudo. Mas a partir disso percebi que não conhecia nada do meu corpo. {...}” (A10)

Outro motivo observado que leva a busca sobre autoconhecimento e sexualidade por mulheres é a falta de abertura sobre o tema em consultas com profissionais, quando em casa.

“{...} eu estou falando com você aqui, mas eu não falaria com um profissional de saúde por exemplo. Tive somente uma ginecologista que me perguntou sobre a sexualidade e foi na minha primeira consulta ginecológica, quando eu não era mais virgem e aí a ginecologista perguntou na frente da minha mãe se eu era virgem ou não e foi muito constrangedor. E aí eu tive que falar “sim”, minha mãe ficou sem olhar na minha cara. E depois que eu fiquei mais velha nenhum

mais perguntou sobre minha sexualidade e isso me faz buscar mais sobre sexualidade.” (A1).

Apesar desta percepção das mulheres a respeito do profissional especialista, durante as entrevistas foi observado que, ainda assim, elas os veem como a fonte mais confiável para buscar entender sobre o corpo feminino. Por outro lado, algumas mulheres buscam informações sobre autoconhecimento através das redes sociais, após a troca de experiência com outras pessoas para se aprofundar em determinado assunto que lhes foi apresentado.

5.5. Percepção das mulheres jovens frente aos profissionais da área da saúde da mulher

Estudos mostram que sentimentos de vergonha e constrangimento são fatores de dificuldade para a procura de um profissional especialista¹⁷, principalmente se for homem. A análise das entrevistas também confirma essa informação. Afinal, para uma avaliação ou consulta é necessário tocar ou manipular áreas consideradas erógenas, no entanto, as mulheres relacionam a consulta com a sexualidade, a qual ainda é considerada um tabu para maioria delas¹⁷.

“{...} Eu já perguntei algumas coisas na ginecologista. Mas eu não vou gastar dinheiro pra uma consulta só pra perguntar isso. Não é questão do dinheiro, mas eu não teria intimidade suficiente pra chegar perto de uma pessoa e falar a vida inteira. Mas como agora eu já tenho uma profissional que sempre vou nela e que já tem uma conversa mais íntima e também quando ela dá brecha de conversar, eu pergunto algo que tenho dúvida. Mas a profissional de saúde não quer dar ideia, quer só fazer exame.” (A8).

“Mas os especialistas não perguntam como está o sexo, somente como eu faço sexo, daí eu preciso abordar o assunto e parece que a pessoa fica sem graça, parece que eles se preocupam mais com o aspecto fisiológico do que tudo.” (A3).

Em virtude dos fatos mencionados, o que as mulheres esperam e desejam é um atendimento humanizado, e isso inclui questões fora do âmbito da doença, pois isso dá a elas liberdade de escolha e autonomia. Estudos mostram que introduzir um modelo humanístico de atenção à saúde ajudaria a melhorar o conforto, a satisfação das mulheres e a reconsulta ^{17,19}.

5.6. Conhecimentos das mulheres jovens acerca da fisioterapia saúde da mulher

Culturalmente e historicamente a fisioterapia tem se voltado a questões balizadas pela doença e para voltar-se especificamente a saúde da mulher é necessário se aproximar de todas as dimensões do universo feminino. Por entanto, os conhecimentos sobre o “ser” mulher, difundidos no campo da especificidade da Fisioterapia é indispensável. A mulher não deve ser vista como uma patologia e sim, como um ser humano incluído na sociedade na qual necessita de uma abordagem holística e integral¹.

Dessa forma, a área da fisioterapia vai muito além de tratar as disfunções fisiológicas, mas sim de abranger conhecimento acerca de todo o corpo feminino. Neste contexto, a questão número 11 (apêndice B) refere-se ao conhecimento das mulheres jovens em relação a possibilidade de atuação deste profissional de saúde. Percebeu-se que grande parcela da população ainda desconhece a importância da Fisioterapia na saúde da mulher.

“{...} eu não tinha a noção de qual era a importância da fisioterapia na saúde da mulher.” (B3)

“{...} Não conheço e não sabia sobre a importância do fisioterapeuta na saúde da mulher.” (B7)

“Até então eu não sabia que era tão fundamental a fisioterapia para uma mulher, antigamente isso não era tão tratado, mas hoje em dia a gente vê que é essencial pra tudo.” (A8)

Dentre as mulheres entrevistadas, menos da metade têm conhecimento desta área de atuação e nenhuma esteve em consulta com este profissional especializado, sendo o conhecimento à área “restrito” somente às redes sociais. Cabe ressaltar, que mulheres que apresentaram tal conhecimento fizeram ou fazem graduação em fisioterapia e este tema faz parte grade curricular do curso.

“{...} É difícil eu te falar sobre isso, porque muita coisa sobre o meu corpo e sobre o autoconhecimento aprendi na faculdade e antes disso e eu não tinha acesso. Por exemplo, descobri que tenho flacidez pélvica, eu tenho incontinência urinária e descobri que isso não é normal.” (A1)

6. CONCLUSÃO

O estudo mostrou um déficit no conhecimento de mulheres jovens acerca de seu próprio corpo devido à falta de liberdade em comunicar-se com suas famílias e com profissionais especialistas sobre sexualidade e autoconhecimento. Dessa forma, esse déficit afeta diretamente a saúde sexual, mental e física das mulheres, pois a falta de informações também é vista como problema na saúde da população. Diante deste fato, a carência de conhecimento acerca do corpo feminino pode ser vista como um desafio da saúde pública, visto que poderiam ser feitas políticas educacionais sobre a temática desde a infância, onde é iniciada a formação da sexualidade.

Notou-se, também, um grande desconhecimento entre as mulheres jovens em relação ao profissional fisioterapeuta especialista em saúde da mulher, mesmo sendo uma área de interesse e relevância no mundo feminino, afinal, os profissionais da saúde vêm buscando expandir seus saberes e aprimorar suas técnicas indo ao encontro das expectativas e motivações femininas. Nessa direção, nota-se a necessidade de ampliar as relações entre as áreas de atuação em saúde da mulher, estreitando os laços entre profissionais e pacientes.

As redes sociais ainda não são base de conhecimento para grande parte das mulheres, mas a internet em si é uma das formas mais utilizadas para busca de informações entre as mulheres jovens quando o assunto é sexualidade feminina. No entanto, os profissionais atuando nas redes sociais e sites estão fazendo um trabalho educacional de grande interesse social, visto que não existem políticas públicas para melhoria desse quadro.

Conclui-se por tanto, que as mulheres devem entender o seu próprio corpo através de fontes verídicas e especializadas, pois é essencial para vivenciar plenamente a sexualidade e ajuda na prevenção em todos os âmbitos de saúde.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LIMA, de Oliveira; MARTINS, J. Resende; PERES, J. Gonçalves. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. Revista Ártemis [Internet]. 21 de dezembro de 2018 [citado 20 de setembro de 2020]; 26(1):303-14. Disponível em: (<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/373202>).
2. DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
3. ZIKAN, Idalina da Silva. O Prazer Sexual Feminino na História Ocidental da Sexualidade Humana. Monografia [Especialização em Terapia de Família] - Universidade Cândido Mendes, 2005, 95 f. [citado 21 de setembro de 2020]. Disponível em: (<https://www.yumpu.com/pt/document/read/12555260/o-prazer-sexual-feminino-na-historia-ocidental-da-sexualidade>).
4. SILVA, Cristiane Vanessa da. Histórias de utilização de pílulas anticoncepcionais no Brasil, na década de 1960. 2017. 183 f. Dissertação [Mestrado em Ciências] -Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: (<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/25248>).
5. MAKSUD, Ivia. Sexualidade e mídia: discursos jornalísticos sobre o “sexual” e vida privada. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 4, p. 663-671, out./dez. 2008. Disponível em: (<https://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a04.pdf>).
6. VIEGAS, Paula. Discurso sobre a sexualidade feminina em mídias digitais: o caso Vagina Sem Neura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2019. [citado 14 de outubro de 2020]. Disponível em: (<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1388-1.pdf>).
7. GOZZO, Thaís de Oliveira; FUSTINONI, Suzete Maria; BARBIERI, Márcia; ROHER, Wilma de Moura; FREITAS, Ivoneide Aparecida. Sexualidade feminina: compreendendo seu significado. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. Julho de 2000 [citado em 14 de outubro de 2020]; 8 (3): 84-90. Disponível em: (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01041169200000300012&lng=en).
8. SILVA, Vanessa Alves. Sexualidade feminina. Rio de Janeiro. Monografia [Especialização em Sexualidade Humana] - Universidade Cândido Mendes: Instituto a Vez do Mestre, 2015. Disponível em: (https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/53013.pdf). Acesso em 21 de outubro de 2020.

9. MÂNGIA, EF; MURAMOTO, MT. O estudo de redes sociais: apontamentos teóricos e contribuições para o campo da saúde. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo [Internet]. 1º de abril de 2005 [citado 19 de outubro de 2020];16(1):22-30. Disponível em: (<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13955>)
10. VIEIRA, Josenia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. DELTA [online]. 2005, vol.21, n.p., pp.207-238. ISSN 1678-460X. [citado 18 de outubro de 2020]. Disponível em: (https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012).
11. AMORIM, Betânia M. Oliveira. Sexualidade e mídia na formação docente. 2012. 232 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. [citado 16 de outubro de 2020]. Disponível em: (<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7294>)
12. CAMARGO, Shelley; FERRAZ, Luiz Sampaio Neto. "Sexualidade e gênero." Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba [online], 19.4 (2017): 165-166. Web. [citado 13 de outubro de 2020]. Disponível em: (<https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/35351>).
13. MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa social: teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.
14. DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Educar em Revista [online]. 2004, n. 24 [Acessado 19 de outubro 2020], pp. 213-225. Disponível em: (<https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>). Epub 04 Mar 2015. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>).
15. BARDIN, L. (2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.
16. TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, Márcia de Assunção. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. Texto & Contexto - Enfermagem [online]. 2008, v. 17, n. 3 [Acessado 1 maio 2021], pp. 417-426. Disponível em: (<https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000300002>). Epub 13 Out 2008. ISSN 1980-265X. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000300002>).
17. FERREIRA, Maria de Lourdes da Silva Marques. Motivos que influenciam a não-realização do exame de papanicolaou segundo a percepção de mulheres. Escola Anna Nery [online]. 2009, v. 13, n. 2 [Acessado 8 maio 2021], pp. 378-384. Disponível em: (<https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000200020>). Epub 11 Jun 2010. ISSN 2177-9465. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000200020>).
18. RESSEL, Lúcia Beatriz et al. A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. Escola Anna Nery [online]. 2011, v. 15, n. 2 [Acessado 5 maio 2021], pp. 245-250. Disponível em:

(<https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000200005>). Epub 14 Out 2011. ISSN 2177-9465).

19. PIVETTA, Hedioneia; TONELLO, Tatiane; BIANCHINI, Vivian Gabriele Pinto. A fisioterapia na atenção à saúde da mulher: como ela vem sendo percebida? Livro Fisioterapia Brasil. 2010. v. 11, n. 6. pp 417 – 422.
20. RACCO, Regina. O livro de ouro do Pompoarismo. 11^a edição, São Paulo: Regina Racco Editora, 2019.
21. CORTÊZ, Ana Catarina; SOARES, Ana Paula; PEREIRA, Rodrigo. Redes sociais: a percepção do uso do Facebook no processo de ensino e aprendizagem pelos docentes do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, do Conhecimento e Novas Tecnologias, Repositório – FEBAB. Disponível em: (<http://repositorio.febab.org.br/itens/show/2329>). Acesso em: (acesso em 15 de junho de 2021).
22. MORAIS N.S.D.; BRITO M.L.A. Marketing digital através da ferramenta Instagram. EACAD [Internet]. 1º de abril de 2020 [citado 8º de junho de 2021];1(1):e5. Disponível em: (<https://eacademica.org/eacademica/article/view/5>).

APÊNDICES

APÊNDICE A-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROJETO: FISIOTERAPIA NA SAÚDE DA MULHER: AUTOCONHECIMENTO E ACESSO À INFORMAÇÃO PARA MELHORIA DA SEXUALIDADE DE MULHERES JOVENS.

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS: Danubia de Faria Fonseca, Isabela Leme Martins e Paula Cristina Flisch.

SUPERVISOR RESPONSÁVEL: Ms. Ana Maria Barbosa Damasceno.

INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL: Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – Campus Barbacena.

Você está sendo convidado a participar desse estudo como voluntário. Antes de fornecer seu consentimento, solicitamos que leia atentamente as seguintes informações:

1. Esse é um projeto de conclusão de curso pela Faculdade de Ciências da Saúde de Barbacena, do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, sob orientação da Profa. Ms. Ana Maria Barbosa Damasceno.
2. O objetivo desse estudo é compreender quais os motivos levam as mulheres jovens a buscarem por informações sobre sexualidade e autoconhecimento através das redes sociais. Para isso, contamos com sua colaboração em uma conversa individual com um dos pesquisadores responsáveis, a ser realizada no local de sua conveniência, e gravada em áudio, mediante sua prévia autorização.
3. Sua participação é voluntária, o que significa que, a qualquer momento, você pode se recusar a responder qualquer pergunta, desistir de participar e retirar seu consentimento, sem penalidade ou prejuízo de qualquer espécie.
4. As informações coletadas são confidenciais. Os arquivos em áudio serão guardados, pelos pesquisadores responsáveis, por um prazo máximo de cinco anos. Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em revistas e/ou eventos científicos sem qualquer identificação dos participantes. Em nenhum momento será divulgado seu nome.

5. Você não terá qualquer custo ou compensação financeira. O benefício desse estudo se refere ao desenvolvimento do conhecimento científico na área de estudos da Fisioterapia na Saúde da Mulher. O possível risco relacionado à execução desta pesquisa será o fato de, no momento da entrevista, se sentir constrangida em relatar alguma informação.

6. Você receberá uma cópia deste termo, na qual constam os telefones e os e-mails das instituições responsáveis, da pesquisadora e da orientadora, de modo que será possível esclarecer suas dúvidas sobre o projeto e acerca de sua participação na pesquisa, agora ou em qualquer outro momento.

Desde já, agradecemos sua participação.

CONSENTIMENTO

Eu, _____
_____, portador de documento de identificação número _____, abaixo assinado, concordo em participar voluntariamente dessa pesquisa. Declaro que li e entendi todas as informações que me foram prestadas a respeito do estudo “fisioterapia na saúde da mulher: autoconhecimento e acesso à informação para melhoria da sexualidade de mulheres jovens”. Ficaram claros para mim quais são os objetivos, os procedimentos a serem realizados, a garantia de proteção e do sigilo dos meus dados individuais e de esclarecimentos permanentes. Estou ciente que os resultados desta pesquisa poderão ser utilizados para divulgação científica. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas ou recompensas financeiras. Estou ciente de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo de qualquer espécie. Declaro ter recebido uma cópia do presente termo.

Autorizo a gravação em áudio da entrevista por mim concedida:

() SIM () NÃO

Assinatura Participante: _____ -
____/____/____

Assinatura da Pesquisadora Responsável: _____ -
____/____/____

CONTATOS

- Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos.
- Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – campus Barbacena:
(32) 3693-8870
- Pesquisadores Responsáveis:
Danubia: 31.99540-1658 ou danubiafisio2017@hotmail.com
Isabela: 32.99963-0289 ou isabelaleme5@gmail.com
Paula: 32.984429008 ou paula.cflisch@gmail.com
- Orientadora: 32.98856-7840 ou anadamasceno@unipac.br

APÊNDICE B-QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

PROJETO: FISIOTERAPIA NA SAÚDE DA MULHER: AUTOCONHECIMENTO E ACESSO À INFORMAÇÃO PARA MELHORIA DA SEXUALIDADE DE MULHERES JOVENS.

RESPONSÁVEIS PELA ENTREVISTA: DANÚBIA DE FARIA FONSECA, ISABELA LEME MARTINS E PAULA CRISTINA FLISCH, ALUNAS DO 8º PERÍODO DO CURSO DE FISIOTERAPIA NO CENTRO UNIVERSITÁRIO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS – CAMPUS BARBACENA.

SUPERVISORA RESPONSÁVEL: Ms. ANA MARIA BARBOSA DAMASCENO.

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME:

ENDEREÇO:

Nº:

BAIRRO:

CIDADE:

SEXO:

IDADE:

PROFISSÃO:

1- Você faz uso de quais redes sociais?

Facebook

Instagram

Whatzapp

Twitter

YouTube

Outras: _____

2- Dentre as redes sociais utilizadas no seu dia a dia, através de qual delas você busca ou recebe informação sobre sexualidade feminina e/ou autoconhecimento?

- Facebook
- Instagram
- Whatzapp
- Twitter
- YouTube
- Não recebo informações sobre os temas citados através de redes sociais.
- Outras: _____

3- Atualmente a temática sobre sexualidade/autoconhecimento tem conquistado bastante espaço no mundo feminino e vem se apresentando como algo que deve ser exposto e dialogado, mas, em geral, as mulheres apresentam um grande desconhecimento em relação a sua sexualidade e seu corpo. O que te impede de si conhecer melhor? (Pode ter mais de uma resposta)

- Eu me conheço.
- Não tive orientações familiares, por isso nunca procurei sobre esses assuntos.
- Sinto vergonha, culpa ou medo de julgamentos.
- Tenho outras prioridades e não sobra tempo.
- Não tenho curiosidade
- Outros: _____

4- Quando você percebeu que precisava entender mais sobre seu corpo e sua sexualidade e resolveu começar a pesquisar através das redes sociais?

5- Como sua família reage ao tocar no assunto sobre sexualidade feminina e/ou autoconhecimento?

6- Você se sente mais à vontade procurando informações sobre os temas abordados conversando com sua família, através das redes sociais e/ou em consultas com um profissional especialista ou não procura informações? Explique o motivo da sua escolha.

7- A mídia tem atraído muitas pessoas, com alto grau de alcance em curto espaço de tempo, pois transmite informações que permite a comunicação instantânea em todo o mundo, permitindo, assim, a possibilidade de as mulheres falarem sobre sexualidade além do clandestino.

Por que procurou as mídias sociais para esclarecer sobre os assuntos de sexualidade e autoconhecimento?

- 8-** Ainda na atualidade, a sexualidade feminina é tabu, principalmente com a família. Você já conversou/tirou dúvidas sobre sexualidade ou sobre seu próprio corpo com alguém de sua família? Se NÃO, por quê?
- 9-** Em sua opinião, as pesquisas realizadas através das mídias sociais são suficientes melhorar seu entendimento sobre sexualidade e autoconhecimento promovendo mudanças no seu estilo de vida?

Se sim, o que mudou?

Se não, explique o motivo.

- 10-** Você busca por sites e perfis confiáveis para aprender sobre os assuntos abordados?
- Sempre
 - Na maioria das vezes
 - Nunca

- 11-** Você conhece/segue algum (a) fisioterapeuta da saúde da mulher que atua nas redes sociais?
- Sim
 - Não

- 12-** Após pesquisar sobre sexualidade feminina e autoconhecimento através das mídias sociais, você sente que houve melhorias pessoais? Se sim, o que melhorou?